

## Introdução

Esta pesquisa se propõe a rastrear algumas questões sobre o sujeito contemporâneo a partir de minha experiência clínica e da minha constante observação da vida cotidiana. Como cenário, temos o ambiente das grandes cidades, suas tendências e influências sobre as pessoas. O perfil dos sujeitos aqui estudados está situado nas classes média e alta e abrange mais especificamente jovens e pessoas de meia idade.

O nosso ponto de partida é a idéia de que o mundo, mais do que nunca, apresenta-se para o indivíduo como um grande espetáculo, deixando pouco espaço para a ação e o pensamento criativos. Nota-se a comunicação entre ambiente e indivíduo acontecendo através de muitos estímulos e incessantes ofertas, o que nos faz pensar menos em uma relação de mutualidade e mais num sistema comercializante. As ofertas e estímulos são claramente dirigidos aos indivíduos mas não necessariamente consideram o que seja adequado para sua saúde física e psíquica.

É a partir deste contexto que pretendemos observar a postura das pessoas no voleio do eu para o mundo e do mundo para o eu; daremos especial atenção ao lugar que a busca pela originalidade ocupa neste processo. Por originalidade queremos entender a fidelidade de cada um às suas origens, aos acontecimentos inaugurais de sua história pessoal, bem como a insistente força que mantem viva a noção relativa à própria existência. Para nós é interessante notar quais recursos vêm sendo usados pelos indivíduos para que se considerem parte do mundo em que vivem.

Como fundo cenográfico, dispomos da linguagem da mídia em geral (em especial a televisão) funcionando ao mesmo tempo como formadora e porta-voz da sociedade. Tanto as TVs quanto a sociedade parecem querer conduzir fortemente a ação dos indivíduos, oferecendo-lhes o papel de espectadores. O que resultaria dessa grande redução do valor de uma participação mais autêntica no mundo? Como ficaria o sentimento de autenticidade do ser?

Pretende-se aqui, considerar as condições do ambiente, analisar o percurso da pessoa junto ao seu processo de personalização, observar o que se perde e o que se ganha nesse jogo.

Pretende-se também questionar como é possível viver diante da abundância de propagandas sobre o que comprar e como ser, de forma a não automatizar-se nem perder a noção de si mesmo. É aos “eus”, essa grande massa de singularidades, que o mercado se dirige oferecendo vantagens e aparências como garantia de felicidade e verdade. Considerando este contexto, supomos que haverá uma grande diferença se cada um se mantiver suficientemente consciente de suas escolhas dentro do esquema montado pela sociedade e também consciente das pretensões da mesma sociedade.

Interessa-nos compreender como o atual contexto dita novas maneiras de pensar, sentir e agir e como, neste ir e vir de imposições entre a sociedade e os seus indivíduos, acontece a construção que cada um faz de si mesmo. A qualidade desta construção, se mais verdadeira ou se mais *fake*, irá variar desde uma postura que leva em consideração a própria história original até a desconsideração da tradição e a busca a qualquer preço por alguma forma de pertencimento social. Esbarramos aqui em uma importante característica da era pós-moderna na qual a estética se sobrepõe à ética.

Os pensadores da chamada condição pós-moderna alertam para a morte do sujeito (ou o fim do individualismo). Recorremos a diversos campos teóricos como a sociologia, a psicanálise, a literatura e a filosofia para encontrar ponderações sobre a capacidade de preservar a autenticidade neste viver contemporâneo. A partir de vinhetas ilustrativas, tentaremos aproximar a escuta clínica do que vem sendo comentado pelos especialistas acerca deste estado de coisas. Nossa intenção é tentar mapear um atual perfil psicológico que temos encontrado e observado, no qual a construção da subjetividade vai se dando mais em comprometimento com o mercado do que com sonhos e desejos particulares, criando algumas vezes uma sucessão de formas provisórias de ser.

O que cada pessoa faz de sua história pessoal, em contrapartida a essa grandiloquência das sociedades do excesso, é a experiência que pretendemos estudar. Cabe ao indivíduo integrar suas vivências de modo a atender às expectativas particulares, porém considerando uma inserção no mundo em que vive. Nos parece que o paradoxo winnicottiano de que a vida não se passa nem só

no mundo interno, nem só no mundo externo, vem sendo driblado pela sociedade do espetáculo. Tantas atrações por todo o tempo, pode deixar o indivíduo contemporâneo “esquecido” de si mesmo. Se isto é uma verdade, o que tem feito ele enquanto está tão “ocupado”?

Ao longo do trabalho, serão abordados diversos aspectos referentes à vida contemporânea e às questões sobre a construção da subjetividade. No primeiro capítulo, apresentaremos “O indivíduo na sociedade dos excessos” e a relação do sujeito com o consumo. Veremos também a prevalência das imagens como técnica preferencial das sociedades, o papel dos “formadores do gosto” como influência no cotidiano das pessoas, a experiência da não-permanência ou curta durabilidade entre os indivíduos e os objetos que adquirem. Este primeiro capítulo nos mostrará como o ambiente das grandes cidades oferece aos seus habitantes sensações superpostas e velozes, tendo como principal propósito o comércio de produtos. Pretendemos acompanhar os gestos de adequação das pessoas em relação aos lugares onde vivem e observar o quanto o desejo de ser feliz é ainda mobilizante para as construções de subjetividades. Destacaremos também as diferenças entre experiências virtuais e experiências reais pelas quais as pessoas passam e o que é absorvido delas; pensaremos aqui sobre a sensibilidade humana interferida pelo excesso de estímulos que as grandes cidades trazem.

No capítulo seguinte, “Um abrigo para o ser”, vamos abordar a forma estética como o *self* se organiza no mundo em contraste com a estética da “sociedade do espetáculo”, que parece desconsiderar o ser e privilegiar uma *performance* do ser. Analisaremos o papel da memória para a capacidade narrativa dos indivíduos e o quanto o “real sentimento do existir” encontra-se atrelado ao grau de consciência das experiências vividas. Abordaremos alguns adoecimentos típicos da contemporaneidade, todos eles estreitamente ligados ao sentimento de solidão e à busca por uma forma autêntica para viver. O conceito de autenticidade nas sociedades atuais depende de como cada um consegue lidar com a pressão do meio externo sobre o próprio mundo interno e para pensarmos esta questão, veremos o que as pessoas utilizam como filtro para amenizar o impacto do ambiente. Neste sentido, pensaremos a capacidade criativa como importante eixo através do qual as pessoas buscam cotidianamente uma manutenção do sentimento de serem quem são. Percebemos que na contemporaneidade a possibilidade de esquecimento relativo à própria condição humana parece bastante

presente, considerando-se que a fronteira entre o que é privado e o que é público torna-se cada vez mais tênue. Sobre isso, este capítulo mostrará a ligação entre existir e aparecer visualmente em telas, a exemplo dos *Reality Shows* e *sites* de relacionamentos nos quais as pessoas “mostram” quem são em uma tentativa de pertencer à sociedade em que vivem.

No capítulo “Pequenos atalhos para um *self* perdido” lembraremos a noção de “área de amorfia” em Winnicott, como o momento em que pode ter havido uma falha na qualidade de alguma importante experimentação, e a mesma área de amorfia podendo ser vista também como uma boa saída para as pessoas poderem recuperar o que ainda não foi acabado. Traremos os conceitos de “pessoa normótica” e pessoa falso *self* para articular, a partir dos perfis clínicos estudados, a relação da vida subjetiva com o sentido de realidade. A partir de nossas observações procuraremos delinear algumas atuais composições subjetivas nas quais o uso de bricolagem (na forma como Certeau a descreve) vem a ser um artifício auxiliar e fundamental. Certeau em “A invenção do cotidiano” (1994) demarca as táticas do consumidor dentro das práticas cotidianas, como alternativas diante do impingimento social. A partir da noção de táticas, surge a idéia da astúcia como um último recurso para o indivíduo preservar um gesto expressivo e significativo capaz de interferir na cultura impositiva.

Perpassando todo o trabalho, fundamental será a idéia do sujeito que experimenta o sentimento de continuamente existir (*going on being*) e também a definição de Winnicott (1975) para um viver criativo. Para este autor, quando a dimensão da experiência não acontece, há uma alteração no funcionamento psíquico de tal forma e profundidade que pode desaguar na formação de um *falso self*. Há também na obra de Winnicott (1990 [1963]) considerações acerca da capacidade expressiva e comunicativa de cada pessoa. Ao referir-se à comunicação explícita com o mundo e à comunicação silenciosa (pessoal), ele considera que, entre as duas, há uma forma conciliadora para se estar ao mesmo tempo no campo compartilhável e no campo particular (este último inclui a experiência da não-comunicação)<sup>1</sup>.

Seguindo a mesma linha, virão as idéias de Gilberto Safra (2004; 2006) sobre a condição humana, onde são abordados o sentido de temporalidade e as

---

<sup>1</sup> “Comunicação e falta de comunicação levando ao estudo de certos opostos” (1963).

formas de adoecimento contemporâneo. Dentre todas, trabalharemos especificamente com “a ausência de si mesmo” e “formas peculiares de solidão”. Safra (2005) importa da cultura russa o termo *sobórnost* para recuperar a idéia de que cada indivíduo carrega consigo a ancestralidade e o porvir da humanidade, embora na atual situação pós-moderna o sujeito viva mais o esquecimento do que a rememoração de sua própria condição.

A escolha de Donald Winnicott e Gilberto Safra é significativa para fundamentar esta pesquisa, porque ambos consideram sempre a relação entre o tempo subjetivo pertinente a cada pessoa e o tempo objetivo apresentado pelo ambiente, além dos desdobramentos desta experiência no processo de constituição de todos nós.

Para enriquecer a contribuição psicanalítica desta pesquisa, trabalharemos o conceito de Christopher Bollas (1992) sobre a doença normótica. Os elementos contidos na descrição destas personalidades normóticas vão desde a predominância do objetivo em relação ao subjetivo, da incorporação em relação à introjeção, à excorporação em relação à projeção. Os normóticos vivem uma vida paralela ao que Winnicott chamou de viver criativo.

Se para Winnicott é justamente a partir do repouso que podemos criar algo, para a sociedade do excesso e do espetáculo o tédio ou contemplação não têm lugar. Bittencourt (2002) propõe usar o conceito do “divertimento” (encontrado na obra de Pascal) dentro de sociedades onde o fazer é dominante em relação ao ser. Não poder ficar em repouso é atualmente um forte traço das pessoas que habitam as grandes cidades que, por sua vez, se transformaram em chamativas vitrines propondo incessantemente atrações.

Jean Baudrillard (2007) foi pioneiro em abordar estas questões. Dentre as suas idéias fundamentais, reservamos a comparação do consumo excessivo com uma ordem de significações, feito linguagens. Diz ele que o prazer advindo do consumo em primeira instância seria particular, exclusivo do consumidor, mas na verdade, trata-se de uma grande rede onde todos estamos atrelados. Há também a interessante observação de Baudrillard sobre a fadiga do indivíduo pós-moderno referida como um gesto latente de protesto que, no fim das contas, acaba por confundir-se com conformismo.

De David Harvey (2006), traremos as ponderações acerca das “*respostas estéticas à condições de compressão do tempo-espço*” e a relação que ele

estabelece entre a fragmentação e a instabilidade da linguagem com a atual constituição dos indivíduos.

De Guy Debord (1997), queremos especificamente trazer as idéias entre memória individual da vida cotidiana e a “falsa memória”, pois para ele, o indivíduo não tem acesso crítico ao seu passado. Debord fala sobre o tempo e a consciência do tempo vivido e também da sociedade do espetáculo na qual “*a realidade do tempo foi substituída pela publicidade do tempo*”.

Beatriz Sarlo (2006) contribui para esta pesquisa ao falar sobre a linguagem televisiva e o sujeito televisivo e ressalta o caráter repetitivo deste veículo que evita ao máximo o silêncio e a ausência de imagens. O estilo repetitivo teria como função trazer uma certa familiaridade cotidiana para o espectador e, além disso, a repetição seria um elemento confortador. “*A sociedade vive em estado de televisão*”, diz Sarlo.

Da filosofia, Gilles Lipovetsky (2005), traz a figura do narciso para simbolizar a identidade pós-moderna e faz uma pontuação sobre o consumo de consciência corporal e mental, quando aponta o excesso de terapias disponíveis no mercado. Mais interessante ainda há o termo que ele usa para a atitude contemporânea: “*indiferença descontraída*”.

Michel de Certeau (2005), reforça algumas reflexões de Debord ao pensar a sociedade dos excessos na qual, diante de tantos significados, o indivíduo sente dificuldades em encontrar uma expressão própria. Certeau fala também da “*multidão solitária*” (termo de David Riesman) apontando a forma como os meios de comunicação e entretenimento lidam com os indivíduos, estabelecendo uma ligação estreita entre o poder econômico e o as formas de viver e trabalhar. Diz ele: “*(...) um sistema cada vez mais à medida de ‘homens que querem ter algo’ e cada vez menos daqueles que ‘querem ser alguém’*” (p. 192).

Jameson (2006: 44) sintetiza muito bem dois aspectos do chamado pós-modernismo, fundamentais para o nosso trabalho; em suas próprias palavras, “*a transformação da realidade em imagens e a fragmentação do tempo em uma série de presentes perpétuos*”. Em sintonia com estas idéias, Bauman (2007) fala em “*síndrome consumista*” para assinalar uma das causas da novidade ter ganho na contemporaneidade mais valor do que a vivência de permanência. Há também as marcações de Umberto Eco (1984) acerca de um mercado que não cansa de prometer e cumprir “*more to come*”, “*the real thing*” e as propostas das

sociedades nas quais os indivíduos podem conhecer “o todo falso” e “o todo verdadeiro”.

Como idéia advinda da poesia de Clarice Lispector (1998), é preciso haver um “eu-elástico” para ir para o mundo e retornar para casa ao fim de cada dia. Soma-se a esta reflexão a fina distinção que Kierkegaard (1988 [1845]) estabelece entre *remember* (lembrar) e *recollect* (recordar), para referir-se à lucidez e ao desligamento humanos e também para assinalar a qualidade que o gesto de recordar traz para o indivíduo que é narrador de si mesmo.

Todos os autores aqui reunidos contribuem para que se desenhe minimamente o ambiente contemporâneo com o qual um jovem indivíduo se depara ao se dar conta de que faz parte deste mundo. Uma forte característica das sociedades do excesso é não haver entre o sujeito e o mercado de ofertas uma visibilidade relativa ao processo que sustenta toda essa grande estrutura.

Neste trabalho, usaremos o termo “produtos” para pensar sobre algo além dos *gadgets*, roupas, carros, comidas e ingressos para shows. Consideraremos também como “produtos adquiríveis” certos sentimentos, formas de rir, formas de falar, atitudes, formas de escrever, formas de pensar, vestir, entre outros. Certas aquisições ou “compras” que o sujeito contemporâneo faz para modificar sua aparência ou atitude são específicas para uma arrumação particular. À semelhança do trabalho de mobiliar uma casa, quando seu proprietário sai em busca de um objeto adequado para um determinado lugar, algumas pessoas saem à procura de formas para “ser”.